



# <sup>1</sup>OS QUATRO ASPECTOS ESSENCIAIS DA ECONOMIA DE COMUNHÃO<sup>2</sup> NA LIBERDADE NA CONDUÇÃO DOS NEGÓCIOS

**Heloisa Helena A. Borges Q. Gonçalves, Msc**

Doutoranda do Programa em Engenharia de Produção COPPE/UFRJ

**Roberto Cintra Martins, Dsc**

Professor doutor do Departamento de Engenharia de Produção da COPPE/UFRJ

**Maria das Graças Siqueira da Rocha,**

Economista, Movimento dos Focolares

## Resumo

O artigo apresenta aspectos conceituais da economia de comunhão na liberdade - EdC nascida no Brasil. Trata das dimensões inseparáveis do Absurdo e da Graça (Leloup, 2003) inerentes a EdC. A economia de comunhão é uma modalidade de economia solidária que inclui a dádiva evangélica, centralidade da pessoa, valores espirituais, lógicos, éticos, estéticos e religiosos (Hessen, 1950), nas práticas empresariais de 900 pequenas e médias empresas, espalhadas pelos cinco continentes denominadas coligadas à EdC e inseridas quando se instalam em pólos empresariais: Spartaco e Ginetta no Brasil, Lionello na Itália, Solidariedad na Argentina e Giulio na França. Os dois últimos em construção. As empresas da EdC nasceram para partilhar os lucros. Existem no Brasil 91 empresas no cadastro do

---

<sup>1</sup> Artigo aprovado VII Congresso Lusoafrobrasileiro de Ciências Sociais, A Questão Social no Novo Milênio, a ser realizado em Coimbra, nos dias 16, 17, 18 de setembro, organizado pelo Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (9Ces-FEUC) em colaboração com várias outras instituições.

<sup>2</sup> Outras informações endereço eletrônico: <http://www.edc-online.org>.

Escritório Central de EdC. As lideranças das empresas da EdC devem tomar decisões empresariais segundo a racionalidade capaz de comunhão (Bruni, 1999) e partilhar o lucro com três finalidades (Lubich, 1991): ajuda às necessidades imediatas dos beneficiários da EdC – os necessitados (Rossé, 1995; Araújo, 1998); reinvestimento na empresa e formação de homens e mulheres novos, todavia é necessário a encarnação da cultura da partilha.

Palavras-chave : economia de comunhão - cultura da partilha - rede

## 1. Introdução

A economia de comunhão na liberdade nasceu da crítica social que fez a sua idealizadora, a italiana Chiara Lubich, em 1991, no Brasil, para transformar em ação um tipo de experiência em simetria à lógica de ação do capitalismo neoliberal e as ações empresariais desprovidas de excelência moral (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*), que alimentam a acumulação de renda nas mãos de poucos ricos, promovendo violência, insegurança, desequilíbrio humano e da produção, contribuindo para o aumento de empobrecidos e miseráveis e destruição do ecossistema com amplitude global.

Quando Chiara Lubich anunciou a economia de comunhão na liberdade não pensava em uma teoria científica, porque as diretrizes para sua prática estão escritas no Evangelho. Contudo a proposta despertou interesse em estudiosos dos mais variados campos do conhecimento que vêm desenvolvendo estudos com o propósito de compreender a experiência que está se desenvolvendo no mundo nos cinco continentes. Existem cerca de 100 estudos como monografias de final de curso de graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado concluídas e em fase de conclusão desenvolvidos em diversos países como na Argentina, Brasil, Itália, Polônia, Suécia, Costa do Marfim e outros.

Os vínculos antecedentes da economia de comunhão estão na história do movimento social, eclesial e eclético com seus princípios e valores vivenciados desde 1943 em Trento, Itália, praticados e difundidos ao longo dos anos em 182 países do mundo por cinco mil integrantes do movimento denominado de Movimento dos Focolares. A dinâmica desse movimento é guiada segundo a lógica da arte evangélica de amar na qual a fundadora Chiara Lubich (2003) vislumbrou a luz das experiências dos monges beneditinos, *ora e labora* e das recomendações da Encíclica *Centesimus Annus*, um mundo transformado pelo amor onde poderia ser possível amar a todos (iguais e diferentes) sem distinção; amar por primeiro, amar inclusive o inimigo, com o propósito de concretizar a dádiva evangélica implícita na cultura da partilha, por meio da realização do Projeto de Economia de Comunhão na Liberdade-EdC num contexto empresarial capitalista no século XXI.

Uma das peculiaridades da economia de comunhão, então, é o seu vínculo com a experiência de um movimento social, integrado por leigos que processam (ou não) credo religioso e por religiosos integrantes de 56 denominações religiosas. Pessoas que têm Fé e pessoas que não têm Fé, porém todas se encontram na unidade por meio de valores como a gratuidade, a benevolência, a fraternidade e pela unidade na diversidade.

O Movimento dos Focolares surgiu na Segunda Guerra Mundial, em Trento na Itália, pela iniciativa de sua fundadora Chiara Lubich (1920) e mais cinco jovens companheiras que em

meio aos bombardeios colocavam em prática os princípios contidos no Evangelho, socorrendo feridos, partilhando alimentos e auxiliando desabrigados, experimentando no mundo da vida o Absurdo e a Graça. Os resultados: quanto mais doavam mais recebiam. Terminada a guerra as jovens deram continuidade às atividades de comunhão de bem materiais e espirituais e hoje está presente em cinco continentes, onde se promovem ações sociais beneficiando milhares de excluídos no mundo inteiro.

Em 1991, com o anúncio da economia de comunhão por Chiara Lubich, a comunhão de bens praticada há 50 anos foi ampliada para a atividade empresarial a ser encarnada e concretizada pelos empresários (as) que aderiram à proposta, na liberdade, tendo em vista que o número de necessitados aumentava em proporção inversa às doações dos integrantes do Movimento. Havia um contingente significativo de desempregados espalhados pelo mundo, pessoas com necessidades alimentares, jovens sem recursos para se manterem na escola, idosos necessitando de atenção, barracos sem janelas e portas, necessidades as quais os diversos impostos recolhidos pelo governo não atenderiam, pois são necessidades imediatas.

Os pressupostos da economia de comunhão são para a vida humana associada, isto é, não apenas para serem dissecados em laboratórios acadêmicos, pesquisados, analisados gerando relatórios que se perdem em bibliotecas e/ou emaranhados dos trâmites das políticas públicas. A economia de comunhão não é ciência da economia de comunhão. As suas premissas estão diretamente ligados à racionalidade comunicativa com o mundo da vida (Habermas, 1981), aquela que inclui a interação da empresa na sociedade promotora de justiça social e o diálogo entre desiguais.

Sendo assim, a EdC é a economia do dar. Tem como norma compartilhada a vida traduzida pela cultura da partilha e o espírito da dádiva (Godbout 1939, Lubich, 1991), o que também significa colocar em comum o lucro da empresa, incluindo nessa partilha beneficiários (as) que não investiram capital, tampouco, participaram do processo produtivo. Os necessitados são integrantes essenciais da economia de comunhão porque para eles foi criada. Uma exigência da EdC é que o lucro deve ser obtido por meios compatíveis com a Ética nos negócios e coerentes com os princípios da economia de comunhão: dignidade humana, solidariedade, subsidiariedade, destinação universal dos bens, liberdade de escolha e liberdade de adesão, comunhão, bem comum, reciprocidade assimétrica, comunicação, compromisso, amor-recíproco, educação da pessoa, primazia do trabalho sobre o capital e preservação do ecossistema. Após 10 anos de experiência de economia de comunhão, Chiara Lubich, os integrantes do Movimento, estudiosos e empresários (as) reunidos na Itália em um congresso para avaliação das experiências das empresas EdC, entenderam que eram quatro os aspectos essenciais da economia de comunhão que podem ser visualizado no Quadro I.

Quadro I, Quatro aspectos essenciais da economia de comunhão

<b>Finalidade</b>	<b>Cultura da Partilha</b>	<b>Homens e mulheres Novos</b>	<b>Escolas de Formação</b>
Colocar o ser humano no centro inclusive na atividade econômica.	Antídoto para a cultura do ter que prevalece na economia.	Leigos que se dispõem a viver a radicalidade da vida evangélica, segundo a cultura da partilha que dá forma ao Projeto de EdC.	Desenvolver uma formação adequada para a cultura da partilha

Trabalhar em prol da unidade e da fraternidade de todos os seres humanos.	Nem sempre significa despojar-se de algo para doá-lo.	Tem missão de inserir o Evangelho em todas as realidades do mundo da economia, do trabalho, da política, do direito, da saúde, da educação, da arte, da ciência.	Desenvolver uma competência empresarial técnica sobretudo que inclua a sensibilidade e a cultura da partilha
Incluir o necessitado como destinatário do lucro da empresa.	Não se restringe apenas a partilha monetária.	Trabalham juntos para salvar os invioláveis valores da dignidade humana e do bem comum	Utilizar a memória das experiências dos pioneiros da EdC incluindo as fracassadas.
Partilhar os bens e se ocupar da comunhão entre os seres humanos.	Surge sempre numa pessoa, mesmo quando perdida na multidão. Não se detém e não se endurece em sistemas.	Precisam ser formados e abertos à educação integral e permanente pautada em valores virtuosos. Incluindo os empresários, empregados e demais envolvidos com a experiência de E	Exercício crítico e dinâmico de auto reflexão e reflexão coletiva.

Fonte: Adaptado do documento "Os quatro aspectos essenciais" produzido pelo Movimento dos Focolares,

Os quatro aspectos essenciais para serem concretizados na prática empresarial necessitam da disposição humana para serem realizados, do exercício da tradução (Latour,1994) aprendizagem organizacional e posterior avaliação coletiva sem os quais passam a ser enunciados emblemáticos desconectados do mundo da vida.

Isto posto, caberia indagar: como os vínculos antecedentes se configuram com o interior e com o exterior de uma empresa vinculada à EdC?

## 2. Desenvolvimento

### A experiência, vínculos e dispositivos relacionais

Na prática, a gestão numa empresa vinculada à proposta de EdC (Gonçalves e Leitão, 2001) deve ser conduzida por uma liderança capaz de afirmar a racionalidade de comunhão nos negócios. Na racionalidade de comunhão o lucro da empresa é partilhado para três finalidades além da parte que cabe aos seus proprietários e trabalhadores: reinvestimento na própria empresa, formação de homens e mulheres novos, auxílio às necessidades imediatas dos beneficiários da economia de comunhão na liberdade. Os beneficiários por causa do estágio de dimensão micro em que se encontra a experiência de EdC são integrantes do Movimento que se encontram em situação de necessidade e as colocam em comunhão porque fazem parte do projeto. Assim, que lhes é possível, também, contribuem com outros necessitados, por isso a economia de comunhão não é essencialmente filantrópica, pressupõe a relacionalidade humana face a face.

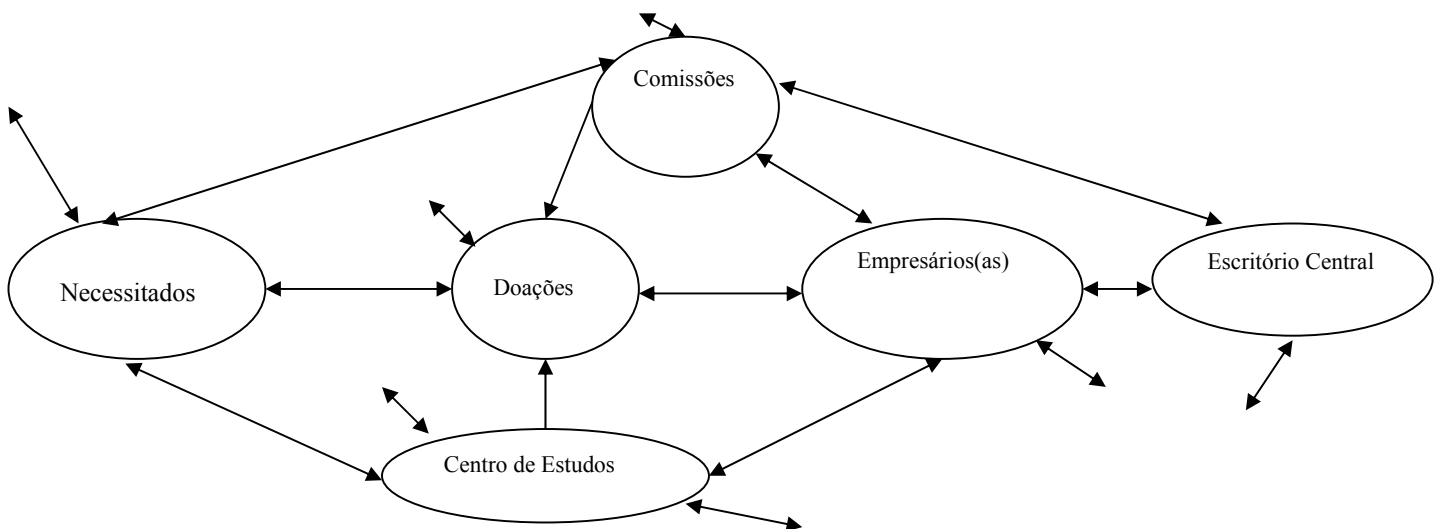
A prática da economia de comunhão por ser algo novo em construção precisaria ser ajudada pelas pessoas integrantes das Comissões de Economia de Comunhão, pelo Escritório Central e pelo Centro de Estudos da EdC, pessoas vocacionadas, experientes e prontas a colaborar, que doam conhecimento técnico e sensibilidade humana para as empresas integrantes do cadastro de EdC, bem como doam experiência para outros quando é colocado em comunhão a necessidade.

As Comissões, o Escritório Central, e o Centro de Estudos são dispositivos de apoio relacional às empresas que participam do projeto de EdC formando uma rede. Juntos e em ação poderão promover o princípio da tradução (Callon e Latour, 1994; Boaventura Santos, 1999; Bernoux, 1989), dos princípios de ação de uma lógica do ator único-sujeito para uma lógica da responsabilidade dialógica com os outros (Buber, 1986) dentre e fora da empresa.

Há escolas para empresários (as) e demais envolvidos que são espaços de encontro de pessoas entre si para troca de experiência e acompanhamento dos efeitos quando se concretizam (ou não) os princípios e valores cristãos que também encontram ressonâncias em outras tradições religiosas ou naqueles que não têm credo religioso, porém compartilham valores como a benevolência, a liberdade, a fraternidade. A idéia das escolas de formação foi uma sugestão de Chiara Lubich, quando se completou o primeiro decênio da experiência (1991-2001) dos pioneiros da economia de comunhão com o propósito de auxiliar a prática da cultura da partilha.

Nenhum daqueles dispositivos relacionais tem caráter fiscalizador nas empresas, pois o papel das pessoas que os integram é auxiliar os empresários(as) na inserção dos princípios de EdC. Ainda, promoverem a solidariedade entre os empresários(as) do projeto, auxiliarem e acompanharem estudantes interessados em desenvolver estudos no âmbito da temática. No Esquema 1, a seguir, pode-se visualizar uma parte da rede onde se inserem os dispositivos relacionais.

Esquema 1 , parte da rede de interação dos vínculos antecedentes com os dispositivos relacionais



A economia de comunhão forma uma rede amorosa que se institui pela unidade, por meio de sucessivas vinculações humanas e híbridas que estão imbricadas, nas quais o motor primordial é constituído pelo amor a todos, pela unidade, pela caridade. O amor-recíproco, a unidade, a caridade é (porque são um) a própria rede. As setas do esquema representam vínculos que são compostos por humanos e não humanos (Latour, 1994). A distribuição das

doações é um elo da cadeia (Escritório Central) que se coliga dentre outros vínculos, aos beneficiários, às subscrições das ações das empresas inseridas nos pólos empresarias, às contribuições das empresas coligadas e ao compromisso do sentido do trabalho daqueles que se integram às empresas. As setas que se encontram soltas com pontas desconectadas no esquema são as ligações dos vínculos com as outras conexões da rede.

No Quadro II, pode-se visualizar os fundamentos da economia de comunhão e os da economia clássica.

Quadro I, Fundamentos da Economia de Comunhão e da Economia Clássica

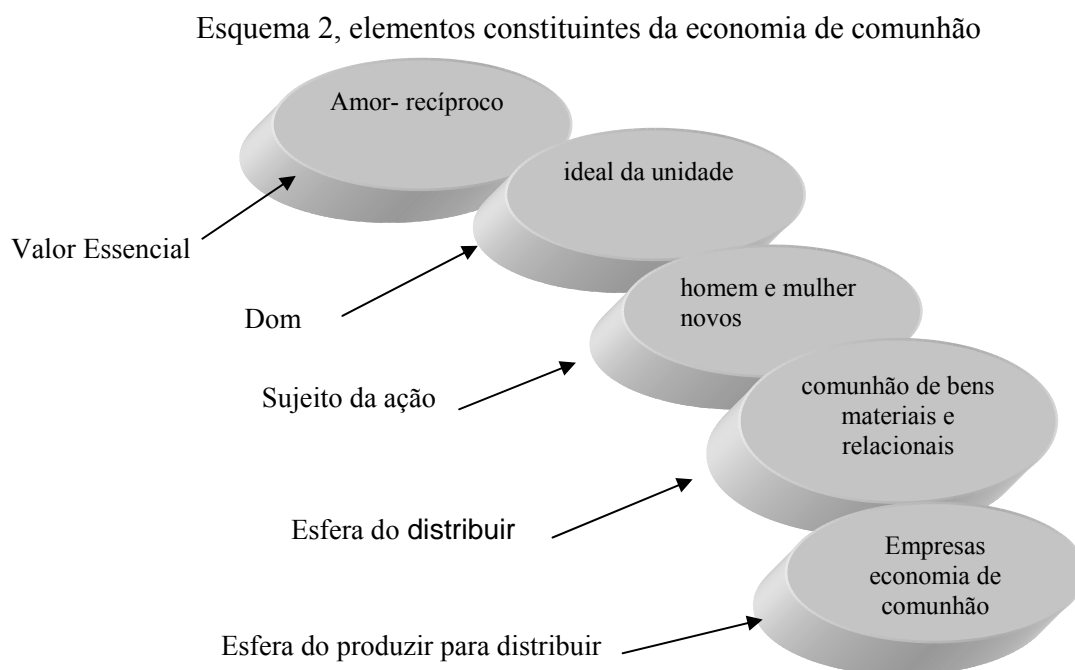
<b>Economia Clássica</b>	<b>Economia de Comunhão</b>
Adam Smith fundador da economia política clássica.	Chiara Lubich fundadora da economia de comunhão.
A linha original de continuidade entre ética e economia é interrompida.	A linha de originalidade entre ética e economia é incluída.
O individualismo na base das relações econômicas.	A solidariedade na base das relações econômicas.
A racionalidade consiste na utilidade, na acumulação e no lucro privado.	A racionalidade consiste na partilha do lucro e pressupõe o relacionamento e a felicidade humana.
Oposição entre bem individual e bem social.	Não oposição entre o bem individual e o bem social.
O capital tem primazia em relação ao homem.	O homem tem primazia em relação ao capital.
A relacionalidade incorpora sempre o elemento de condicionalidade	A relacionalidade incorpora sempre o elemento de gratuidade.
Prevalência da racionalidade instrumental.	Prevalência da racionalidade substantiva, a razoabilidade que segundo Aristóteles contém elementos de sabedoria. Racionalidade do <b>Eu com Todos</b> .
Os indivíduos não estão ligados uns aos outros por nexos indivisíveis antes de iniciar a troca.	Os indivíduos estão ligados uns aos outros por nexos indivisíveis antes de iniciar a troca.
Apropriação privada do excedente.	Apropriação do excedente privada e partilhada com atores beneficiários fora do processo produtivo.
Foco na avaliação dos resultados econômicos de mercado.	Foco nos atores sociais.
Esquecimento da premissa antropológica.	Afirmação da premissa antropológica.
Empresa e sociedade	Empresa <b>na</b> sociedade

Caberia ressaltar que o Quadro II não tem caráter comparativo porque a economia de comunhão é não ciência, como a economia clássica que tem o estatuto de ciência e quanto mais é ciência mais fracassa, ou o estado de miséria em que se encontram diversas

populações traduzidas em estatísticas é uma ilusão. Portanto há uma exigência: - os fundamentos e os quatro aspectos essenciais da economia de comunhão só têm sentido se concretizados no mundo da vida (Habermas) e necessitam de uma racionalidade capaz de comunhão (Bruni, 1999), e da autenticidade humana elementos que segundo o sociólogo brasileiro Alberto Guerreiro Ramos (1989), não estão incluídos nos espaços organizacionais das empresas capitalistas clássicas e as do modelo econômico neoliberal.

## Os pioneiros

A experiência dos empresários (as) pioneiros vinculados ao projeto de EdC, em dez anos vêm construindo uma aprendizagem organizacional diferenciada daquela que parece anular quaisquer vestígios da afirmação de que sem o Tu, o Eu é impossível, mensagem que hoje o mundo da globalização excludente tanto carece ouvir (Bartholo, 2001). Valores como doação, gratuidade, amor, comunhão e capacidade de colaboração são estranhos à teoria da organizacional, contudo devem ser afirmados no processo decisório dos empresários(as) que se uniram à EdC pelos elementos constituintes do projeto conforme o Esquema 2.



Fonte: Adaptado a partir da reflexão teórica "A ética no espaço da produção" (Serafim, 2001)

## Aspectos quantitativos das empresas cadastradas no Escritório Central da EdC

A difusão mundial da proposta de Chiara Lubich conforme estudo de Linard (2003) pode ser compreendida pela:

- Fidelidade de cópia local, regional e global;
- Vida decorrente da liderança carismática de Chiara Lubich e da fecundidade gerada pela comunicação da rede baseada na abertura pessoal para os inter-relacionamentos através dos focolares;
- Existência de 25 cidades-testemunho espalhadas pelo mundo, pólos empresariais um em funcionamento no Brasil (Spartaco) em Vargem Grande Paulista mais quatro em construção na Itália (Lionelo), Argentina (Solidariedad), França (Guilio Marchesi) e mais um no Brasil (Ginetta).
- Cooperação baseada no ideal do amor-recíproco e na unidade da diversidade,
- Comunicação, sem ela a ênfase da espiritualidade do Movimento dos Focolares nos seus aspectos centrais de vida que é a unidade e o amor-recíproco não se realizariam.
- Produção de trabalhos acadêmicos.

Na Tabela I, pode-se visualizar a distribuição das empresas da economia de comunhão pelo mundo.

Tabela I, Distribuição das EdCs pelo mundo

Itália	246
África	9
América Central	49
América do Norte	45
Argentina	45
Ásia	36
Austrália	15
Brasil	82
Europa	172
Europa Leste	60
Médio Oriente	2
<b>Total</b>	<b>761</b>

Fonte: Escritório Central EdC no Brasil, 1999

As empresas que aderem ao projeto Economia de Comunhão agem no mercado capitalista globalizado como firmas individuais, sociedades comerciais e sociedades cooperativas. Podem pertencer ao setor da indústria, comércio, prestação de serviço ou agropecuária.



Nota-se na Tabela II a seguir a característica de diversidades na configuração societária das empresas vinculadas ao projeto de EdC no Brasil e no mundo. Tal diversidade é uma evidência de que a proposta da economia de comunhão no aspecto configurações societárias tem âmbito inclusivo.

Tabela II, Formas jurídicas das empresas de Economia de Comunhão

Sociedade de Capital	200
Sociedade de pessoas	58
Organização	15
Soc. Cooperativas	30
Empresas individuais	288
Várias	170

Fonte: Escritório Central de EdC no Brasil, 1999

Segundo o Escritório Central da EdC na legenda “várias” estão incluídos consultórios médicos, consultórios psicológicos, escritórios de engenharia, enfim, profissionais liberais de um modo geral. Nas tabelas III e IV pode-se visualizar o número das empresas pela quantidade de funcionários e faturamento.

Tabela III- Número de EdCs por quantidade de funcionários

Com mais de 100	10
Entre 100 e 50	15
Com menos de 50	736

Fonte: Escritório Central de EdC, 1999

Tabela IV -Perfil do faturamento das empresas vinculadas à EdC

Valor do faturamento (R\$)	N. Empresas
Acima de 50 milhões/ano	2
Entre 10 milhões a 50 milhões/ano	47
Entre 1 milhão a 10 milhões/ano	33
Entre 500 mil a 1 milhão/ano	129
Abaixo de 500 mil/ano	550
Total	761

Fonte: Escritório Central EdC, 1999

## Aspectos quantitativos e qualitativos das empresas de EdC no Brasil

Um conjunto de 91 empresas que em 2003, no Brasil, constituíam uma rede empresarial, *a priori* solidária, tendo em vista os vínculos antecedentes que ligam os empresários entre si. Segundo os dados fornecidos pelo Escritório Central em 2002, são doze estados no Brasil onde estão instaladas empresas do Projeto de EdC. O número de novos postos de trabalho aberto pelas empresas do Projeto de EdC no Brasil até 2002 foi novecentos e quarenta e sete. As empresas são 99,5% micro e pequenas empresas 0,5% médias empresas. Na Tabela V, pode-se visualizar a evolução história dos números da empresas vinculadas ao projeto de EdC no Brasil.

Tabela V, evolução história dos números das empresas vinculadas ao projeto de EdC, no Brasil

1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
<b>59</b>	<b>81</b>	<b>86</b>	<b>88</b>	<b>88</b>	<b>87</b>	<b>88</b>	<b>87</b>	<b>77</b>

Fonte: Escritório central de EdC, 2000

Na série histórica pode-se observar que as adesões oscilaram de maneira descontínua e crescente. Empresários(as) se desvincularam do projeto nos primeiros anos, caracterizando a fase do impulso entusiástico dos integrantes do Movimento dos Focolares que se dispuseram a abrir empresas sem atender às exigências de competência empresarial para dar uma resposta à influência carismática (Weber, 1999) de Chiara Lubich, embora a mesma tenha anunciado que "*as empresas deveriam ser conduzidas por pessoas competentes*".

O número de empresas vinculadas ao projeto de EdC foi crescente nos cinco primeiros anos e decrescente a partir do sexto ano. Todavia, pode-se verificar uma recuperação dos números iniciais após o primeiro quinquênio, no Brasil, com a inclusão de seis novas empresas vinculadas ao Projeto de EdC em 2002. Outra razão que pode ter influenciando na oscilação decrescente foi a difusão do Projeto de EdC nos primeiros dez anos apenas nas circunvizinhas do Movimento dos Focolares e a carga tributária brasileira que impacta nas pequenas e médias empresas.

### **Características qualitativas das empresas do projeto de economia de comunhão no Brasil e no mundo**

Uma das características qualitativas das empresas de EdC é se aproximarem das características das organizações não capitalistas, nas quais as empresas do projeto de EdC podem ser consideradas como empresas tradicionais e empresas carismáticas.

Segundo Bernoux(1987,p.107),

*"É tradicional a organização cooperação/ dominação, fundada na crença no caráter sagrado das antigas tradições e na legitimidade daqueles que foram chamados pela tradição a exercer a autoridade".É carismática a organização cooperação/dominação*

*fundada sobre um devotamento fora do cotidiano e justificado pelo caráter sagrado ou pela força heróica de uma pessoa e/ou da ordem revelada ou criada por ela*

No caso das empresas de EdC pode-se qualificá-las como tradicionais, pela crença no sócio-invisível (Deus), e carismáticas pela presença da liderança de Chiara Lubich que influi no comportamento dos empresários(as).

A categoria desapego, uma das características qualitativas a ser afirmada pelos empresários(as) nas empresas de economia de comunhão, implícita nos vínculos antecedentes anunciados por Chiara Lubich, sinaliza que uma autêntica empresa de economia de comunhão é aquela em que os bens materiais adquiridos pela eficiência, eficácia e efetividade promovidas por aqueles que as conduzem só poderiam ser caracterizados como um desvio de seus vínculos antecedentes se apenas aparecessem sozinhos e não ligados aos bens espirituais.

Os ideais éticos que estão na base da economia de comunhão, a serem encarnados nas empresas nos lembram uma advertência de Max Weber, na vidrada do século XX contida em sua obra "Economia e Sociedade, *apud* Chanlat(1991).,

*"Quando o cumprimento do dever profissional não pode ser diretamente ligados aos valores espirituais e culturais mais elevados - ou , inversamente, quando não pode ser sentido como uma simples coerção econômica- o indivíduo renúncia em geral a justificá-lo. Nos Estados Unidos, no lugar mesmo do seu paroxismo, a perseguição da riqueza, despojada de seu sentido ético-religioso, tende hoje a associar-se às paixões puramente agonísticas, o que lhe confere quase sempre a característica de um esporte (...) . Para os últimos homens desse desenvolvimento da civilização, estas palavras poderiam ser tornar verdade: "especialistas sem visão e voluptuosos sem coração este nada pensa ter galgado um degrau de humanidade nunca alcançado até então".*

Numa empresa do Projeto de EdC, o que deve ser diferente é que não se considera a obtenção de bens materiais apenas se utilizando da ação racional, aquela que tem como única preocupação a obtenção do maior resultado financeiro sem considerar o modo como esse maior resultado é obtido.

Sobre esta perspectiva, a característica do desapego implícita nos vínculos antecedentes sobretudo, na cultura da partilha pode ser mediatizada como uma maneira de se renunciar aos bens materiais "*concebendo-os e sentindo-os como condições de bens espirituais e não obstante renunciando a eles*" ( Weil, 1993)

O desapego é uma característica qualitativa a ser implantada nas empresas do Projeto de EdC se for considerado que a acumulação ("o tesouro") é antinomia à cultura da partilha de vez que "*o avaro, por desejo de seu tesouro, priva-se dele*", conforme discorreu Simone Weil (1993, p.13).

No Quadro III, estão postas as características qualitativas das empresas de EdC que se diferenciam das características das empresas capitalistas e das empresas solidárias.

Quadro III, Características das Empresas de EdC, capitalistas, solidárias

EdCs	CAPITALISTAS	SOLIDÁRIAS
Finalidade básica maximizar lucro considerando os meios para partilhar com beneficiários da EdC, além dos acionistas da ESPRI, dos proprietários (as) dos meios de produção e dos trabalhadores (as).	Finalidade básica maximizar lucro sem considerar os meios para partilhar com investidores, capitalistas proprietários dos meios de produção.	Finalidade básica não é maximizar o lucro mas a quantidade e a qualidade do trabalho.
Autoridade e o controle pertencem aos sócios-proprietários, ou trabalhadores(as) quando são cooperativas.	Autoridade e o controle pertencem aos investidores.	Autoridade e o controle pertencem aos trabalhadores.
Separação entre trabalho e a posse dos meios de produção é mediada pela racionalidade capaz de comunhão.	Separação entre trabalho e a posse dos meios de produção mediada é pela racionalidade instrumental.	Isenção da separação entre trabalho e a posse dos meios de produção.
Tem lucro que é apropriado pelo empresário(a), pelos beneficiários da EdC, pelos trabalhadores (as) quando há participação nos resultados e futuramente pelos acionistas, ou reserva quando de trata de cooperativa.	Tem lucro que é apropriado pelo capitalista e pelos investidores .	Não tem lucro porque nenhuma parte de sua receita é distribuída em proporção à cota de capital
Poder de mando está concentrado nas mãos dos empresários (as) ou nas mãos dos cooperativados.	Poder de mando está concentrado nas mãos dos capitalistas.	Poder de mando está concentrado nas mãos dos trabalhadores(as).
Inserção de valores religiosos	Isenção quanto a valores religiosos	Isenção quanto a valores religiosos

### A Carta de princípios de gestão para a empresa da economia de comunhão

No encontro do Bureau Internacional de Economia e Trabalho, realizado em 1999, em Grottaferrata Roma, Itália, participaram empresários, estudantes e pesquisadores dedicados ao projeto de economia de comunhão, nesse encontro foi definido os princípios para a gestão de uma empresa da economia de comunhão, que podem ser aplicados a qualquer empresa, desde que os que a constroem sejam pessoas com disposição para a lógica da comunhão. A carta de princípios abrange várias relações que ocorrem em qualquer atividade empresarial e sinaliza que comportamentos devem ser seguidos, para que a

empresa se norteie como uma empresa de economia de comunhão (Boletim de Economia de Comunhão, 1997, n. 2, p. 7-8). A seguir os tópicos que compõem a carta de princípios.

### **Empresários, trabalhadores e empresa**

- Formular estratégias, objetivos e planos econômicos considerando os critérios típicos de uma correta gestão.
- Investir com prudência e particular atenção na criação de novas atividades geradoras de empregos.
- Lembrar que, no centro da empresa, está a pessoa humana, e não o capital.
- Utilizar o talento dos funcionários do melhor modo possível, favorecendo a criatividade, a responsabilidade e a participação nas decisões.
- Adotar medidas para ajudar os funcionários que passam dificuldades.
- Administrar a empresa com a finalidade de produzir lucros.

### **Relacionamento com os clientes, com os fornecedores, com a sociedade civil e com terceiros**

- Esforçar-se para oferecer bens e serviços úteis, de qualidade e a preços justos.
- Trabalhar com profissionalismo para construir e reforçar boas e sinceras relações com os clientes, os fornecedores e a comunidade.
- Estabelecer relacionamento leal com os concorrentes, apresentando a qualidade dos próprios produtos e privando-se de ressaltar os defeitos dos produtos e serviços dos outros.

### **Ética**

- Promover, através do trabalho, o crescimento espiritual de todos os membros da empresa.
- Respeitar as leis e manter um comportamento eticamente correto perante as autoridades fiscais, os sindicatos e as organizações institucionais.
- Agir da mesma forma com os funcionários, dos quais a empresa espera semelhante comportamento.
- Esforçar-se não só para respeitar os próprios deveres contratuais, mas também para avaliar os reflexos objetivos da produção da empresa no bem-estar dos consumidores, no que se refere à qualidade de seus produtos e serviços.

### **Qualidade de vida e de produção**

- Transformar a empresa numa verdadeira comunidade, o que constitui um dos principais objetivos dos empresários de EdC.
- Reunir-se periodicamente com diretores e gerentes para avaliar a qualidade dos relacionamentos.
- Empenhar-se para resolver situações difíceis, com a consciência de que esse esforço pode ter efeitos positivos nos membros da empresa, estimulando inovações e incrementando a maturidade e produtividade.

- Considerar a saúde e bem-estar de cada funcionário.
- Propiciar adequadas condições de trabalho – respeito às normas de segurança, ventilação, iluminação apropriada e outras.
- Evitar carga horária excedente, de modo que ninguém fique sobrecarregado.
- Construir relacionamentos de amizade no ambiente de trabalho, no qual deve reinar o respeito, a confiança e a estima recíproca.
- Produzir bens e serviços garantidos, tomar as devidas providências para não danificar o meio-ambiente e procurar economizar energia e reservas naturais, não só durante a produção, mas durante todo o ciclo de vida do produto.

### **Harmonia no local de trabalho**

- Adotar sistemas de gerência e estruturas organizacionais capazes de promover tanto o trabalho em grupo quanto o crescimento individual.
- Manter os locais de trabalho organizados, limpos e agradáveis, deixando o ambiente harmonioso.

### **Formação e instrução**

- Favorecer a criação de uma atmosfera de ajuda recíproca, de respeito e de confiança.
- Colocar à disposição, livremente, os talentos, idéias e capacidades de cada um, em benefício do crescimento profissional de todos.
- Estabelecer critérios de seleção do pessoal e de programação de desenvolvimento profissional para os funcionários.
- Promover freqüentemente cursos de reciclagem e aprendizado.

### **Comunicação**

- Estabelecer uma comunicação aberta e sincera que favoreça o intercâmbio entre diretores e funcionários.
- Estender essa comunicação a todas as pessoas que contribuem com o desenvolvimento da EdC.
- Utilizar os meios mais modernos de comunicação, com a finalidade de desenvolver relacionamentos econômicos, úteis e produtivos.
- Alegrar-se com o sucesso e valorizar as dificuldades, as provações ou o insucesso dos outros, num espírito de colaboração e solidariedade.

Sendo assim, compreender o sentido de responsabilidade para empresários (as) da economia de comunhão é assumir as características de sacralidade, transcendência, de aproximação com o outro, e de confiança na Providência.

### **3. Conclusão**

Resgatando a questão inicial como os vínculos antecedentes se configuram com o interior e com o exterior de uma empresa vinculada à EdC? Uma resposta é constituindo uma rede inclusiva amorosa.

Inclusividade significa não rechaçar nenhuma necessidade e nenhuma dimensão das pessoas, dos mais primários instintos aos mais elevados e sublimes. Todos os aspectos inerentes aos seres humanos e aos objetos não humanos são igualmente acolhidos e considerados, evidentemente a rede é suscetível de mudança contínua.

Contudo, há uma exigência de uma resposta de antemão no âmbito do limite, da ordenação e da regulação do poder de agir dos empresários(as) e dos trabalhadores (as) dos estudiosos vinculados ao projeto de EdC.

Um entendimento é que as doações monetárias para a economia de comunhão estão diretamente ligadas à capacidade de superação dos empresários(as) do amor ao ganho caracterizado pela avareza perpétua e universal articulada com outras paixões, tais como a inveja e vingança que são ameaças à sociedade, tendo em vista a categoria da liberdade sem a qual a economia de comunhão se descaracteriza. Porém, os empresários (as) que vincularam suas empresas à EdC apesar de terem, *a priori*, decidido colocar limites às influências da avareza ou do amor pelo dinheiro ao longo do percurso da experiência sabemos que não estão salvaguardados continuamente das paixões universais que operam em todas as épocas, em todos os lugares, e sobre todas as pessoas. Mesmo que Aristóteles tenha enfatizado que “*ao considerar os negócios humanos não devemos considerar os homens como eles são, mas pensar neles somente*”, a identidade da empresa de comunhão está diretamente relacionada à capacidade de resistência do empresário(a) à insaciabilidade da paixão pela acumulação de riqueza. Pois, sua rendição às paixões como a avareza implicaria num desvio da cultura da partilha, o que recairia no *modus operandi* acumular, acumular, acumular que se contrapõem ao *modus operandi* das empresas vinculadas a economia de comunhão, partilhar, partilhar, partilhar.

Quando tal desvio se afirma nas empresas da EdC, os empresários(as) se distanciarão do projeto e assumirão o “inofensivo” auto-interesse ou a constância e a persistência da paixão pela acumulação de riqueza (Hirschman, 2002). Um ardil que está subjacente ao caráter “inofensivo” em buscar apenas os próprios interesses é descaracterizar a contínua tensão entre a acumulação e o desapego. Por isso, o discurso de Chiara Lubich demarca que pode ser árdua e dura a adesão pela economia de comunhão.

A representatividade das lideranças das empresas de EdC é autêntica quando se confrontam com a tarefa de manter o objetivo original da proposta de Chiara Lubich, em suas tomadas de decisão na mais ampla liberdade em relação às formas pelas quais irão conduzir as empresas.

Mas, sabemos que nenhum empresário (a), nem ninguém aprende nada só por meio de discurso, palavras, mesmo proferidas por lideranças carismáticas, pois as palavras são exteriores às pessoas. As palavras não são o aprendizado, não podem significar a experiência, que é sempre individual e intransferível. É com a experiência que a pessoa aprende. Sendo assim, no caso dos empresários(as) de EdC indutores participativos podem ser essenciais para esta aprendizagem. Pois não se trata de aplicar apenas as necessárias normas ISOs, qualidade total, Kaizen ou atender às leis ambientais *a posteriori*, é uma disposição voluntária amorosa., uma consciência da unidade. O resultado desse aprendizado poderá depender da maneira como os seus atores experimentam o próprio

conhecimento e a vida da economia de comunhão. A presença das paixões e dos interesses se forem privados tanto por parte dos empresários (as) quanto dos trabalhadores(as), quanto dos concorrentes, quanto dos fornecedores e clientes acarreta num desequilíbrio e posterior desvio da cultura da partilha que exige reciprocidade assimétrica,

Sendo assim, a legitimidade do processo de implantação dos princípios da EdC é assegurada quando for concretizado por cada empresário (a), cada trabalhador (a), por cada cliente, por cada fornecedor, por cada concorrente e sobretudo por cada estudioso da unidade ensino, pesquisa, extensão, o enraizamento ético - o conhecimento dos seus fundamentos e a consciência das conseqüências de seus atos humanos, evitando reconhecer a *posteriori* que determinados valores foram transgredidos.

Obviamente há tensões entre ciência e o mundo da vida, entre acumulação e desapego, entre a diversidade ética do mercado capitalista neoliberal e a disposição ética dos empresários(as) da EdC, conflitos interpessoais internos e externos decorrentes da multiplicidade das racionalidades presentes nas empresas e fora delas. Caso contrário, traduziria uma mudança de mentalidade empresarial *ex-ante* à luz de um código estático de conduta. A legitimidade do processo de EdC é uma perspectiva flutuante, onde a ética é afirmada a cada dia na dinâmica do cotidiano empresarial na rede em que se insere, gerando uma mudança de mentalidade *ex-post* e continua que pode aparecer e se eclipsar a todo instante.

Isto é diferente do que se conhece por ética empresarial, responsabilidade social corporativa que é praticada em diversas empresas como um acréscimo ao agir, na forma de um juízo de valor que se efetiva a *posteriori*. Mas, não se pode esquecer um alerta do economista e teólogo Roberto Bartholo (2001), "*é o que freqüentemente acontece, no esquecimento da antecedência do enraizamento ético de nossos atos, e só reconhecemos a posteriori que determinados valores foram transgredidos.*"

Estar atentos aos quatro aspectos da economia de comunhão nos negócios dentro do enraizamento ético do projeto de EdC estabelecendo limites é tarefa complexa, tanto para os empresários(as) do projeto de EdC quanto para todos nós, pois, se considerarmos as conseqüências da capacidade humana para comunicação, respeitar o diferente, o outro, o não-eu, emerge a lenta capacidade de resposta ética, fruto do "vácuo ético", que segundo Bartholo é formado a partir da desestruturação dos sistemas sociais fundados em valores tradicionais. Por isso, Chiara Lubich anunciou que a "*cultura da partilha nas empresas de EdC precisa ser ajudada*"

Economia de comunhão é Absurdo e Graça. Absurdo e Graça não há como pensar na possibilidade de serem separados. Absurdo na Graça é algo que escapa as regras e as condições determinadas. Graça no Absurdo é ousar dar um passo em direção ao outro, ir além do medo de não ser amado porque carrega em si a plenitude de um amor que não espera nada em troca, mas requer reciprocidade assimétrica.

### **Referências Bibliográficas**

ARAÚJO, Vera. Economia de Comunhão e comportamentos sociais. 2 ed. Cidade Nova. São Paulo, 1998.  
BUBER, Martins, do diálogo ao dialógico. Perspectiva, São Paulo, 1992.



BARTHOLO, Roberto Jr. Você e Eu, Martins Buber: Presença palavra. Garamond, , Rio de Janeiro, 2001.

BERNOUX, Philippe. A sociologia das empresas. Editora Rés.Porto Portugal, s/d.

SANTOS, Boaventura de S. Reconhecer para Libertar. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2003.

BRUNI, Luigino et alii. Economia de Comunhão: por uma cultura econômica com várias dimensões. Editora Cidade Nova São Paulo. 2000

GODBOUT, Jacques. O Espírito da Dádiva. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1999.

GONÇALVES, Heloisa H.A.B.Q e Leitão Sergio P. As empresas de economia de comunhão: O caso Femaq Revista de Administração Pública v(35)n(6) out/ nov. 2001.

HABERMAS..Jürgen, Razão comunicativa emancipação, Tempo Brasileiro, RJ,1994.

HESSEN, Johannes. Filosofia dos Valores. 4 ed. Arménio Amado Editor, Coimbra. 1974.

HIRSCHMAN,.Alberto O. As Paixões e os Interesse, Record, Rio de Janeiro, 2002.

LATOUR Bruno,.Jamais fomos modernos.ensaios de antropologia simétrica.Editora 34,Rio de Janeiro, 1994.

LINARD, Keith. Economy of Communion: Systemic Factors in The Rise of New Entrepreneurship. Published on line in Wiley InterScience, 2002.

LUBICH, Chiara, Economia de Comunhão: História e Profecia.editora Cidade Nova.São Paulo, 2004.

RAMOS, Alberto Guerreiro. A nova ciência das Organizações.Fundação Getulio Vargas, Rj, 1989

ROSSÉ, Gerard. Não mais pobres entre vós. Coleção Farol. Editora Cidade Nova,1995.

SERAFIM, Maurício. A ética no espaço da produção: contribuições da economia de comunhão. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

VANDELEENE Michel (org), Chiara Lubich, ideal e luz, pensamento, espiritualidade, mundo unido.editora Brasileira e editora Cidade Nova, São Paulo, 2003.

WEIL, Simone A Gravidade e a Graça. Martins Fontes, São Paulo, 1993.